

NEGROS EM COLARINHOS BRANCOS: ESTILOS DE VIDA, IDENTIDADES E ASCENSÃO SOCIAL NO SERVIÇO PÚBLICO¹

Ivo de Santana

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia.

E-mail: ivosantana@hotmail.com.

RESUMO

Partindo de narrativas de negros que ocuparam cargos de alto escalão em instituições do Serviço Público em Salvador (BA), analiso o modo como eles constroem e definem as suas realidades, como pensam a questão da identidade racial, como a articulam e que peso relativo tem os fatores que eles vivenciam. As análises remetem a realidades pouco exploradas, acidentadas e complexas, protagonizadas por pessoas de origens modestas que migraram de classe social num curto espaço de tempo - sem suportes em coletivos sociais ou herança familiar, que superdedicaram-se às carreiras com sacrifício da vida pessoal. Distanciaram-se da “massa dos negros”, travando lutas cruéis no enfrentamento do racismo e construindo um coletivo simbólico que não gera unidade entre seus pares raciais.

PALAVRAS-CHAVE: Negros. Mobilidade social. Serviço público. Identidades. Estilo de vida.

ABSTRACT

Taking into account narratives of black employees who occupied senior positions in government organizations in Salvador (BA), I analyze how they construct and define their reality, how they think the issue of racial identity, as they articulated it and the relative weight has these factors in their experiences. The study reveals unexplored, rugged and complex realities lived by people of modest origins who migrated to a higher social class in a short time - without social collective supports in or familiar heritage, that dedicated themselves to the careers with sacrifice of the personal life, they were away of the “mass of blacks”, living cruel fights in the confrontation of racism and building a symbolic collective that does not generate any unity among themselves.

KEYWORDS: Blacks. Social mobility. Public service. Identities. Lifestyle.

1. Esse texto é uma versão adaptada do capítulo 5 de minha tese de Doutorado *À margem do centro: ascensão social e processos identitários entre negros de alto escalão no serviço público*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia em 2009.

A partir de las narraciones de los negros que ocupaban puestos de alto rango en las instituciones de la Administración Pública en Salvador (BA), analizan cómo construyen y definen su realidad, su forma de pensar el tema de la identidad racial, como se articula y que el peso relativo es los factores que experimentan. Los análisis se refieren a realidades no exploradas, robustos y complejos vividos por personas de orígenes modestos que emigraron de la clase social en un corto período de tiempo - sin corchetes en grupos sociales o reliquias familiares que superdedicaram hasta carreras en el sacrificio de la vida personal. Distanciado de la “masa de negro”, librando luchas crueles para hacer frente al racismo y la construcción de un colectivo simbólico que no genere la unidad racial entre sus pares.

PALABRAS CLAVE: Negro. La movilidad social. Servicios públicos. Identidades. Estilo de vida.

INTRODUÇÃO

A assimetria das relações raciais no Brasil é uma realidade que perpassa a formação histórica do país. Instalada em suas principais estruturas, reproduz-se nas dinâmicas da sociedade, afetando a qualidade de vida dos seus cidadãos, especialmente dos negros cuja sobre-representação contrasta com a reduzida presença deles em áreas de maior prestígio.

Na última década, o processo de crescimento do país aponta para o aumento no número de brasileiros que melhoraram de vida. Dentre esses, sobressai um pequeno contingente de negros que, em níveis distintos da maioria de seus pares, possuem formação educacional avançada, desfrutam de padrões mais elevados de renda, além de frequentarem “áreas de influência” na sociedade¹. Alguns ascenderam tornando-se autoridades públicas e ocupando espaços de poder que, no país, por séculos, mantiveram-se como lugares exclusivos de brancos.

A ascensão social dos negros no Brasil é um tema ainda pouco explorado nas Ciências Sociais – em comparação com outros aspectos da realidade dos negros, tais como as questões ligadas às camadas populares, aos cultos afro-brasileiros, e, em boa medida, aos que vivem na marginalidade social. De fato, desde a sua conformação como um campo de estudos das Ciências Sociais, a ascensão social dos negros não incorporou volume significativo de pesquisas. Algumas se tornaram clássicas, mas, do ponto

1. COTTA (2007), FRIEDLANDER *et all* (2008), SARAIVA (2008).

de vista dos autores, pode-se dizer que esse tema é de pouca tradição na literatura acadêmica.

Os estudos de Freyre, nos anos de 1930, são basilares, abordando a ascensão do mulato e realçando o caráter democrático das relações raciais no Brasil. As pesquisas desenvolvidas nos anos de 1950 por Donald Pierson, Thales de Azevedo e Oracy Nogueira, no âmbito do Projeto UNESCO, ampliaram o debate sobre o tema, afirmando a existência do preconceito até então fortemente negado. Avançando para outro patamar, salientam-se os estudos desenvolvidos, a partir dos anos de 1960, por Florestan Fernandes, Octavio Ianni e, sobretudo por Carlos Hasenbalg em 1979, revolucionando o conhecimento que se tinha até então sobre a mobilidade social no Brasil, influenciando pesquisadores mais jovens e que ainda hoje constituem os grupos mais fortes de pesquisas sobre o tema.²

Os estudos de Hasenbalg (1979) reavaliam argumentos produzidos pela literatura sociológica e antropológica brasileira de que as desigualdades raciais foram herdadas do passado escravocrata e que tendiam a desaparecer. Negam a noção freyriana de que as desigualdades entre grupos raciais no Brasil seriam menos rígidas, apontando que, ao longo do tempo, as chances de ascensão para “pretos” e “pardos” continuavam muito menores do que para os brancos, mesmo quando se isolavam os determinantes ligados à origem social. Mostraram que a cor dos indivíduos tinha um peso considerável na explicação das desigualdades e revelava um desfavorecimento embutido nas relações sociais, que dificultava o processo de ascensão. Semelhantes constatações foram observadas em outras pesquisas realizadas posteriormente³.

Segundo Hasenbalg, na estrutura social que se estabeleceu após a Abolição, o preconceito e a discriminação adquiriram novos significados e funções. Práticas racistas do grupo dominante branco, que se instalou a partir daí, estabeleciam benefícios simbólicos e materiais para seus pares, criando fortes barreiras raciais nos processos de mobilidade social dos negros, com a acumulação de desvantagens sucessivas⁴.

2. A exemplo de Ângela Figueiredo (2002,2003), Reinaldo Soares (2004), Osório (2003,2006), Marcelo Neri (2011), Marcelo Paixão (2003), dentre outros cujas reflexões embasaram esta pesquisa.

3. Nesse caso se incluem as pesquisas de Valle Silva (1988, 2000), Hasenbalg, Silva & Lima (1999).

4. Hasenbalg (1979, p. 220).

Uma contribuição marcante do trabalho de Hasenbalg foi chamar a atenção para o fato de que numa sociedade caracterizada por estratos superiores de tamanho reduzido e estratos inferiores proporcionalmente grandes, a maior quantidade relativa dos negros nos escalões mais baixos tendia a reduzir as chances coletivas de eles aproveitarem os canais de ascensão. Contribuía para mantê-los sobrerrepresentados nos grupos de menor acesso à educação, de acentuada evasão escolar e de maior dificuldade em transformar o estudo adquirido em renda. Ainda conforme o autor, as desigualdades raciais assim produzidas, aliadas às práticas discriminatórias e à violência simbólica exercidas sobre esses indivíduos, reforçavam-se mutuamente. Levava-os à internalização de um sentimento de inferioridade e autoimagem desfavorável que restringia as aspirações de acordo com o que era culturalmente imposto e definido como o lugar apropriado para as pessoas de cor.⁵

As análises de Hasenbalg em 1983 introduzem novos elementos nos estudos de mobilidade ao apontar que, independente da origem social e da educação, era nos processos intrageracionais de transmissão de status, bem como no processo intergeracional de realização educacional, que os efeitos da cor mais se manifestavam. Para ele, os negros que conseguiam fugir à pobreza apresentavam, em contrapartida, uma típica consistência de status, considerando-se que grande parte deles, embora possuindo educação superior e realizações ocupacionais de renda, tendiam a enfrentar sérias dificuldades tanto na preservação da própria posição social como da de seus descendentes, uma situação que poderia ser resumida como segue:

Quando são tomados dois pais, um negro e um branco, ambos com exatamente a mesma condição social se esta for baixa, o filho do branco terá melhores chances de ascender na estrutura social; se for elevada o filho do negro correrá mais risco de descender na hierarquia. (...) tal situação ocorrerá mesmo se esses dois filhos hipotéticos atingissem o mesmo nível educacional, o que pode não ocorrer visto que há diferenças raciais na realização educacional que prejudicam os negros, para vantagem dos brancos⁶.

Os anos seguintes às formulações primeiras de Hasenbalg são tomados pelo avanço de novas teses e novidades conceituais que se irradiam a partir do trabalho conjunto desse autor e Nelson do Vale e Silva, em finais dos

5. Hasenbalg (1979, p. 209).

6. Osório (2003 p.21).

anos 1980. Nesse sentido, pesquisadores em diversos estados passaram a desenvolver estudos especializados por área (educação e mercado de trabalho, principalmente), além de outros buscando descobrir os micro-mecanismos de discriminação nos seus diversos âmbitos (escola, mídia, livro didático, locais de trabalho e outros espaços sociais).

Na Bahia, a radicalidade das transformações decorrentes do crescimento industrial ocorrido nos anos 70 ofereceu oportunidades significativas de mobilidade social. O alcance e a magnitude das mudanças na dinâmica dos grupos raciais foi alvo de diversas pesquisas que reiteraram para o plano local, a persistência de várias formas de relação racial já documentadas para o contexto nacional⁷. Constatou-se que, em Salvador, os negros estavam sobrerrepresentados entre os que se inseriam nas ocupações mais precárias, instáveis e de menos prestígio na escala social. Eram também os menos instrumentalizados em termos de educação formal e apenas uma pequena parcela conseguia alcançar ocupações consideradas de alto prestígio ou de maior visibilidade.

Vale destacar o estudo de Castro & Barreto (1992) que, tomando como base a indústria, analisa as possibilidades de constituição de trajetórias ascensionais entre trabalhadores negros na Região Metropolitana de Salvador concluindo que, para os pretos e as mulheres, havia uma sobre-escolaridade na configuração das posições ocupacionais. Aos pretos que ocupavam funções socialmente mais valorizadas, demandava-se um capital escolar mais elevado que aos brancos e essa escolaridade, como mecanismo de seleção social, era mais cruel entre as mulheres pretas que, para se inserirem nos setores mais valorizados socialmente, necessitavam ultrapassar barreiras ainda mais exigentes. Sujeitavam-se a uma maior seletividade não apenas por comparação aos homens, como também às demais mulheres.

Castro e Barreto apontam ainda que a estrutura do mercado de trabalho em Salvador apresentava espaços diferenciados para negros e brancos. O espaço “cativo” dos brancos correspondia ao das ocupações de mando, que expressavam poder ou posse dos meios de produção. O “espaço negro” equivalia ao das atividades manuais ou de produção, que envolviam dispêndio de esforço físico. Nessa condição, para os pretos, a possibilidade de exercício de funções de chefia se concentrava nos escalões intermediários. No máximo, assumiam funções de supervisão.

7. Dentre outros estudos vale citar Bairros (1987); (1990,1992).

Em outro momento, Castro e Guimarães (1993), partindo de informações cadastrais sobre os empregados de uma empresa estatal e outra privada, analisam as desigualdades raciais nos locais de trabalho. Considerando as diferenças entre as gestões de trabalho dessas empresas (quanto ao acesso, posição, mobilidade etc.), observaram que a estratégia de sobre-escolaridade era um dado presente e constituía-se numa saída para os grupos mais discriminados, no caso, as mulheres e os pretos. A discriminação racial e de gênero se verificava em ambas as empresas, contudo a discriminação racial se mostrava mais branda na empresa pública, apontando acentuada desigualdade dos pretos em relação aos outros grupos de cor⁸. O significado social desses dados se mostra instigante, pois os negros constituíam o maior contingente populacional em Salvador, apresentando a mais elevada taxa de participação na força de trabalho.

As estatísticas oficiais confirmam que não reduzido é o número de negros que ocupam posições de relevo nas instituições. Aliado a isso, pouco ainda se sabe acerca de como essas pessoas se estruturam, se comportam ou como significam as próprias experiências vivenciadas. Para preencher essa lacuna novos estudos vêm sendo efetuados no sentido de desvendar o universo dos negros que ascendem, adentrando a classe média. Em geral, baseiam-se em narrativas biográficas dos indivíduos e parecem refletir as recentes tendências, em termos de análise, nos estudos sobre os negros que ascendem no Brasil. Dentre estes, destacam-se os estudos de Figueredo, comentados a seguir.

Em pesquisa realizada junto a profissionais liberais negros em Salvador, Figueredo (2002, 2003) analisou a forma como a experiência de mobilidade se relacionava com a assunção de uma identidade negra. Sua pesquisa distingue-se por introduzir novos ingredientes na discussão acerca da ascensão dos negros no cenário contemporâneo. O destaque que muitos autores costumam dar à mudança de grupo de referência – experimentada pelos negros ao longo do processo ascensional –, que fazem supor ser uma singularidade desses indivíduos, é contestado pela autora cujas reflexões deixam entrever que tal mudança não se reduz a uma especificidade da trajetória ascensional dos negros, mas trata-se de um fenômeno comum aos processos de mobilidade vivenciados por outros grupos de indivíduos.

Nada obstante, ela aponta ainda para a existência de características específicas a demarcarem a fronteira entre as estratégias de ascensão

8. Os autores trabalham com as categorias: branco, moreno, mulato e preto.

utilizadas pelos negros e por grupos de imigrantes no Brasil. Por exemplo, os projetos de ascensão dos imigrantes e seus descendentes são grandemente facilitados pela utilização de estratégias de socialização e de solidariedade étnica entre os membros de origem comum, ou seja, eles lançam mão de ajuda mútua. Já os negros não recorrem a essas formas tradicionais de solidariedade étnica.

Pelo contrário, conforme suas observações, a ascensão social destes tem sido historicamente orientada a partir do uso de estratégias individuais associado à assimilação dos códigos e valores da sociedade dominante. Para Figueredo tais estratégias, em grande medida, passam por um grande investimento na educação, pelo emprego público, pelo apoio da rede familiar e, acima de tudo, por escolhas cuidadosas dentro das reais possibilidades de êxito. As estratégias coletivas de solidariedade, quando se apresentam, nunca extrapolam o nível familiar⁹ e nessa condição, as dificuldades se ampliam, pois, além de não contarem com os recursos de que desfrutam algumas minorias étnicas no país, os negros têm contra a sua ascensão o racismo, que os põe constantemente em situações de ter que provar a sua capacidade profissional.

No que tange aos conceitos de negritude, identidade e embranquecimento, a autora mostra que, quando associados à ascensão social, apontam para a não assunção da “identidade negra”, pelos negros. A esse respeito, inclusive, ela chama a atenção para um fato que contraria a conclusão de várias pesquisas sobre os negros em ascensão social, ao afirmar que, no processo ascensional, muitos dos entrevistados redescobrem símbolos da cultura negra e tentam incorporá-los em suas vidas, um fato que levaria a supor que a escolarização e o conhecimento da história do negro no Brasil têm contribuído para incorporar o orgulho da cor e da ascendência negra.

As reflexões a seguir decorrem de estudo envolvendo vinte homens e mulheres negras, que alcançaram postos de topo na hierarquia de instituições do serviço público em Salvador-Ba, tornando-se autoridades públicas em funções como: comandante de corporação militar, reitor de universidade, corregedor-chefe de polícia, superintendente de instituição, juiz, desembargador, dentre outros.

No decorrer dessa pesquisa, mantive diálogo com diversos autores que nas últimas décadas elaboraram estudos relacionados à ascensão social

9. A importância da rede de solidariedade familiar na construção dos processos ascensionais é também referida na pesquisa de Santos (2003), ao investigar a trajetória de professores universitários negros em Mato Grosso.

dos negros no Brasil. Contudo, procurei destacar autores, no âmbito das Ciências Sociais, que considero centrais dentro dessa discussão, porém, sem deixar de considerar ao longo dos demais capítulos a seguir outras teorias e outros olhares, especialmente aqueles construídos através das ações socioculturais dos sujeitos, e que tendam a refletir um novo imaginário social acerca dos negros em ascensão.

Entendo que a correta percepção do fenômeno requer maior atenção para o aspecto humano – com as suas capacidades singulares, os sonhos, as tragédias e os dramas específicos dessas pessoas. Assim, com o intuito de contribuir para ampliar a discussão sobre os impactos da mobilidade, esse artigo se propõe a refletir sobre: Como negros em ascensão social constroem e definem a sua realidade? Como pensam a questão da identidade racial? Como articulam e que peso relativo tem os fatores que eles vivenciam?

Como principal recurso de análise, utilizei-me de entrevistas em profundidade com vinte homens e mulheres negras, que alcançaram postos de topo na hierarquia de instituições do serviço público em Salvador (BA), em funções como: comandante de corporação militar, reitor de universidade, corregedor-chefe de polícia, superintendente de instituição, juiz, desembargador, dentre outros. As entrevistas foram gravadas e nelas, explorei vários ângulos da socialização dos informantes: família de origem, bairro, escola, trabalho e espaços de convivência. Os depoimentos foram transcritos e tratados através do que Bardin (1979, p. 42) denomina de “análise de conteúdo”,

Procurei captar percepções que me auxiliassem na compreensão da vida social, inclusive a profissional. Nesse sentido, a noção de trajetória se mostrou importante, por valorizar o aspecto individual, sem desconsiderar o entorno ou determinar que pessoas supostamente pertencentes à mesma classe tenham aspirações e visões idênticas.

O exercício da memória, a disposição para relembra sentimentos e fatos, muitas vezes doloridos, advindos do passado, teve importância fundamental na tomada dos depoimentos, assim como a emoção, as constantes surpresas e até mesmo a similaridade sócio-racial entre pesquisador e pesquisados, interferindo ou estimulando o desenvolvimento do trabalho de campo. Em muitas situações, fiquei preso ao “*anthropological blues*”, de Da Matta (1974), e passei a acreditar que os depoimentos dificilmente seriam possíveis há alguns anos, quando o racismo era mais acirrado e havia forte repressão política.

No que pude observar, a categoria em que esses negros se inscrevem escapa das estatísticas oficiais em Salvador, confirmando que eles são muito poucos. Assim, em se tratando de negros ocupando funções de prestígio e mando em organizações do mercado de trabalho em Salvador, a quantidade de sujeitos por mim entrevistados torna-se bastante significativa em relação a um universo, sobre o qual se poderia dizer, abordado em sua quase totalidade.

Face aos desafios que se apresentaram no âmbito da prática etnográfica, cabe tecer algumas considerações no intuito de situar-me enquanto investigador na relação com os sujeitos investigados, na medida em que compartilhávamos certas referências comuns. Éramos todos negros, partimos de origens modestas e, assim como eles, vivenciei um processo de mobilidade incomum à maioria dos nossos pares raciais. Exerci posto executivo na administração pública, além de transitar por espaços comumente associados às camadas médias de Salvador.

Muitas outras referências se acrescentaram, desde o fato de que tínhamos equivalentes faixas etárias (em torno de 50 anos)¹⁰, em grande maioria, nascemos, estudamos ou vivemos há longo tempo em Salvador. A proximidade de nossas experiências ampliava-se à medida que tais similaridades e equivalências faziam com que alguns deles já fossem meus antigos conhecidos ou que, com frequência, descobríssimos, nas conversas, amigos comuns. Ainda que isso possa ter favorecido o contato inicial, posteriormente revelou-se um ponto de dificuldade, especialmente nas ocasiões de questionar determinadas respostas, seja devido à existência de uma rede de relações comuns, ou porque a pergunta, muitas vezes, poderia parecer óbvia.

Presumo que paralelismos e cruzamentos relacionam-se ao fato de, há algumas décadas em Salvador, não haver muitos locais de convívio e, por isso, as pessoas estavam sempre se cruzando nas poucas bibliotecas e cinemas, festas, eventos populares e outras situações mais cotidianas. Tais “coincidências” se acentuaram a ponto de, em diversos momentos, diante do grupo que pesquisava eu me perceber como um *insider*, e submeter-me a vários desafios.

O primeiro era o de não haver uma diferença radical entre minha vida cotidiana e a das pessoas que eu estava pesquisando, tal qual ocorre com

10. Em geral, os entrevistadores são pessoas de classe média e com idades abaixo de 40 anos conforme assevera Thompson (2002), e eu era da mesma geração dos indivíduos pesquisados.

um antropólogo europeu que chega a uma tribo do Leste africano. Eu pertencia à mesma sociedade dos informantes; falávamos a mesma língua nacional; compartilhávamos valores, visões de mundo e estilos de vida, além de termos uma trajetória de vida similar, vivenciada em períodos próximos.

Dúvidas e hesitações inquietavam-me: como abordar ou questionar fatos que vivenciei junto a informantes que já eram antigos conhecidos? As questões poderiam soar constrangedoras, desnecessárias ou redundantes. Como me conduzir diante de fatos que, pela minha amizade com o informante, a confissão ou a lembrança poderia significar algo doloroso?

Vale dizer que, em muitas ocasiões, a condição de insider favoreceu o desenvolvimento de uma atmosfera em que eu terminava sendo percebido, em termos de presença, como “familiar”, mesmo junto a sujeitos com quem jamais havia me relacionado anteriormente. Com alguns deles, poucos minutos de conversa já criava uma informalidade tal que, invariavelmente, passávamos a nos tratar por “você” ou pelo próprio nome, fazendo desaparecer os personagens/papéis que frequentemente desempenhávamos antes estranhos, fosse como autoridade pública ou pesquisador, economista, administrador, ou advogado que éramos.

A interação parecia desenvolver-se entre sujeitos ávidos por conhecimentos mútuos. Cumpre ressaltar que, com alguns dos informantes, especialmente aqueles que pela maior proximidade entre nós eu era considerado “de casa”, pude perceber que à empatia demonstrada juntava-se, também, certa apreensão e “defesa”. Por certo, algumas dessas atitudes poderiam acontecer da mesma forma se a pesquisa estivesse sendo conduzida por outro pesquisador. No entanto, acredito que houve casos em que certos comportamentos só ocorreram devido a minha proximidade anterior com tais informantes.

Também surgiram dificuldades. Uma delas refere-se ao limite temporal dos encontros que, nas pesquisas urbanas, tende a ser mais reduzido que no trabalho de campo tradicional. Na prática, isso restringiu períodos de interações importantes, no sentido de aumento da confiança e cumplicidade com alguns dos informantes.

A consciência dessas aproximações e dificuldades me levou a um exaustivo processo de autodimensionamento paralelo e complementar ao estudo. Havia o temor de que a familiaridade com o mundo social pudesse conduzir-me a naturalizações e “essencializações”; por isso, conforme Da

Matta, exercitei a “exotização do familiar e a familiarização do exótico”¹¹. Assim, conforme recomendam os manuais de Antropologia, procurei não ser etnocêntrico, vigiei meus preconceitos e, muito pontualmente em relação a esse estudo, evitei ser paternalista, embora nem sempre com sucesso.

Um segundo desafio relacionou-se ao fato de que a Antropologia, tradicionalmente, tem estudado “os outros”, e eu me propus a estudar o “nós”. Muito embora outros autores já o tenham feito, estudos dessa natureza, no Brasil, ainda são poucos¹². Na antropologia efetuada em meio urbano, as pesquisas têm sido realizadas, mais frequentemente, com grupos em situações de desvantagem social, destituídos de poder político e econômico.

A quantidade de pesquisas que se afastam desse padrão é limitada. Isso, talvez, pela opção clássica da Antropologia de pesquisar as chamadas minorias sociais, ou em função das dificuldades de acesso às camadas médias e altas ou, até mesmo, pelo fato de a maioria dos pesquisadores, sendo oriunda da classe média, nutrir certo interesse em conhecer hábitos, costumes e valores de uma classe social à qual não pertencem.

Tal limitação reverte-se na ausência de trabalhos sobre a metodologia de pesquisa aplicada aos estudos das camadas médias da população brasileira, especialmente no tocante ao segmento negro. Nesse sentido, pude inspirar-me em poucos etnógrafos, já que, por vezes, buscando atender satisfatoriamente aos objetivos da pesquisa, vi-me obrigado a inventar estratégias de ação no confronto com os sujeitos ou adaptá-las aos instrumentos metodológicos de que dispunha.

O terceiro desafio refere-se ao fato de que a similaridade sócio-racial entre o pesquisador e os pesquisados é tema ausente no debate acadêmico brasileiro, geralmente limitado aos encontros e diálogos informais entre os pesquisadores negros. Do ponto de vista dos autores, é um tema de pouca tradição na literatura acadêmica, requerendo do pesquisador uma apurada atenção para tirar o máximo de proveito de sua proposta.

Neste artigo, é a fase da atuação das pessoas no comando da instituição pública que privilegio nas reflexões. Por se tratar de profissionais com largo tempo de atividade, suas trajetórias expressam percursos mais acabados, em relação a gerações mais jovens, permitindo observar melhor os processos de formação de identidade e outros aspectos pontuais de cotidianos mais consolidados, a exemplo do leque de relações que se estabelecem no decurso da vida profissional. Considero importante que se

11. Da Matta apud Velho (2004, p. 124).

12. Velho (2002, p.11).

conheça o caminho percorrido até alcançarem a posição ocupada, contudo, a limitação de um artigo impede o maior detalhamento dessas trajetórias, impondo o esforço da síntese, aqui representado por um resumo de cada entrevista em particular, tomada como um todo homogêneo, em que são acentuados os elementos considerados relevantes para contextualizar a população estudada.

Os informantes provêm de origens modestas, vivenciadas em bairros proletários e em famílias numerosas, que chegavam a ter 15 membros, incluindo os agregados. Os chefes da família tinham pouca ou nenhuma escolaridade e exerciam profissões de baixa qualificação. O ciclo completo de educação formal foi realizado em escolas públicas “de boa qualidade”, acrescido de forte investimento em estudos pós-graduados. Ingressaram no serviço público pela via do concurso e desenvolveram carreiras ascendentes. Alcançaram a hierarquia superior das instituições, exercendo papel central nas decisões e conquistando espaços importantes em áreas fundamentais de prestígio e poder na sociedade; funções que, tradicionalmente estavam reservadas a indivíduos brancos e provenientes das camadas sociais mais elevadas. A maioria deles concentrava-se na faixa entre os 50 e 55 anos e constituíam os primeiros entes da família a experimentar destacado grau de mobilidade social - abrindo caminho para uma nova escala de vivências para todo o grupo familiar.

A ascensão social possibilitou aos informantes realizar sonhos materiais, expandir a formação educacional e oferecer melhores condições de vida à família. Também ampliou a convivência deles em domínios de prestígio e poder na sociedade, onde a precariedade de laços de amizade mantidos por eles marca a totalidade das histórias individuais¹³.

De fato, eles representam a primeira geração familiar a se instalar nas camadas médias e chegam isoladamente, a partir de trajetórias complexas, juntando-se a uma diversidade de “outros” já estabilizados profissionalmente, ou socialmente integrados aos requisitos do novo espaço social. Em uma referência a Simmel (1983), eles se enquadrariam na configuração do “estrangeiro” - não no sentido do viajante que chega hoje e parte amanhã, mas no sentido de uma pessoa que chega e deverá ficar.

13. Trata-se de domínios majoritariamente frequentados por brancos e de reconhecidas tendências à formação de grupos fechados de solidariedade e com laços, por vezes, iniciados há muitas gerações. Para Guimarães (1995, p. 175), esses grupos se configuram como equipes, desenvolvendo fortes relações pessoais e de amizades que terminam funcionando como um escudo de proteção para seus pares e, sobretudo, como uma estratégia de ascensão social.

Não pertencem ao grupo desde o início e, em sua chegada, introduzem elementos que não se originaram nem poderiam ali se originar. Ou seja, são indivíduos pertencentes ao grupo, porém, se de um lado são imanentes e têm uma posição de membro, por outro, estão fora dele e o confrontam, ao intrometer-se, como uma peça extra, em um grupo no qual as posições já estariam ocupadas.

O estudo de Guimarães (1995) aponta para a condição de “estrangeiro” vivenciada por negros em ascensão profissional no setor petroquímico. Ele constata que nem os bons salários, nem a elevação do status profissional repercutiram na maior integração dessas pessoas com os grupos de estratos médios. Ao contrário dessa integração, uma das consequências mais aparentes da melhoria de vida foi favorecer um processo em que esses indivíduos passaram a orientar seu círculo de amizades para uma esfera mais marcadamente familiar, em contraposição a essa condição de “fora de lugar”, experimentada junto às esferas médias.

Ao analisar o processo de ascensão social dos negros no trabalho radiofônico, no período de 1959 a 1963, Pereira (2001) também faz constatações semelhantes, de que a maior aproximação com os brancos de classe média nunca extrapolava o campo das relações profissionais. Mesmo os indivíduos realizando os sonhos materiais que eles supunham, promoveriam a maior integração nos espaços almejados (como exemplo: a aquisição de automóvel, casa, dentre outros bens e comportamentos que conferiam status social).

Certamente, por isso, o cotidiano dessas pessoas comportava um leque de relações sociais bastante restritas. Não mantinham um contato significativo com indivíduos de outras classes sociais (exceção feita às relações de trabalho). De igual maneira, era escasso e frouxo o envolvimento deles com coletivos sociais de reivindicação política, a exemplo dos sindicatos e das redes de relações sociais do “mundo negro”¹⁴, conforme mostra o depoimento a seguir.

14. A expressão “mundo negro”, tomada de Pereira (1983), refere-se ao sistema de relações sociais estabelecidos a partir de instituições negras, como as escolas de samba, religiões afro-brasileiras e associações culturais que promovem a sociabilidade entre os negros, permitindo o resgate da autoestima, além de funcionarem como um microcosmo paralelo no qual seus integrantes estariam “protegidos” da discriminação.

Agora, eu já posso participar tanto de Movimento de Negros, como de Movimento de Mulheres, porque eu já cheguei. Estou fortalecida, mas ainda assim eu procuro ficar sempre à distância. Antes eu não queria ficar estereotipada, nem me comprometer com certos ideais que eu via grassarem lá dentro e também não estava preparada para aqueles embates. Eu admiro muito as pessoas que foram com a cara e a coragem, que se dedicaram, mas eu tinha outros objetivos então me dirigi pra as atividades que são a minha vida hoje. Sempre me mantive longe desses movimentos. (VANDERLINA)

O depoimento de Vanderlina faz-se emblemático, ao deixar entrever a conformação de um microcosmo que, por um lado, não estabelecia vínculos com o “mundo negro” de forma mais ampla e, por outro, tinha dificuldade de participar do “mundo branco”, configurando um espaço social bem delimitado: “um mundo paralelo dentro do mundo paralelo”.¹⁵

O universo pouco abrangente de relações era, em grande parte, circunscrito aos familiares e, em menor grau, ao ambiente de trabalho. Dificilmente ultrapassava os limites da empresa e quase sempre eram definidos em termos de relações de coleguismo (e nunca de amizade), confirmando um padrão observado por Soares (2004), em pesquisa junto a negros da classe média paulistana.

Interessante observar que, em detrimento dos novos vínculos emergidos da posição social em que se situavam, alguns adotavam um estilo de vida social mais reservado, e voltado para uma esfera marcadamente familiar. Isto parece marcar uma postura peculiar dos negros que ascendem socialmente. Referindo-se a ida a restaurante de classe média, o discurso de Judite mostra-se típico indicando que, o seu lazer “é muito limitado... junto com os meus familiares. Viajo com meu companheiro, ou fico em casa assistindo filmes, lendo, cuidando da casa, sem essa espalhação maior. Não sou muito de sair...”. Presumo que esse direcionamento do lazer e da sociabilização para o círculo familiar possa estar relacionado ao fato de haver neles a clareza da existência de “certos problemas” - como, por exemplo, a discriminação nos espaços públicos de classe média - e que se recolhendo nos redutos mais familiares, evitariam se expor a situações que eventualmente poderiam trazer algum tipo de constrangimento.

Nas relações com os “outros”, os depoimentos indicam um comportamento bastante recorrente, no qual os indivíduos mantêm-se na defensiva, controlando ostensivamente as informações da vida pessoal. Nesse

15. A expressão entre aspas foi tomada de Soares (2004, p. 145).

sentido, quando inquiridos, era comum silenciarem sobre o passado de adversidades, dissimularem as vivências cotidianas de racismo ou até mesmo omitirem a existência de entes familiares de condições mais precárias. Tais revelações surgiam quase sempre sob esquivas, escamoteamentos ou quando inevitável a negação. Essa atitude parece configurar uma estratégia na qual esse comportamento se prestaria a evitar a associação de suas imagens aos estigmas e estereótipos de pobreza ou inferioridade, comumente atribuídos aos negros.

AS RELAÇÕES COM O MEIO DE ORIGEM: A FAMÍLIA E O BAIRRO

Associadas a essas relações, outras subjetividades emergem das falas e parecem manter estreita relação com o isolamento geográfico e social em que essas pessoas se circunscrevem. A descrição da juventude no bairro de origem (ou seja, o locus da ascensão social) revela um comportamento de reserva em relação à vizinhança. Diferentemente dos pais e irmãos, que chegaram a estabelecer vínculos de amizade nos bairros pobres em que moravam, elas eram avessas às camaradagens. Via de regra, “não se misturavam”, não participavam dos roteiros e formas de lazer do bairro e, conseqüentemente, se desviavam de possíveis parceiros e parceiras matrimoniais.

Adotavam um estilo de vida diferente, direcionando seus esforços de sociabilidade para as amizades e os espaços da classe média, adquirindo uma série de posturas, hábitos e conhecimentos que destoavam do comportamento das pessoas do bairro, gerando um quadro de difícil aproximação. Assim, ao migrarem desses bairros, praticamente cortam os poucos laços que chegaram a manter com essas comunidades. Alguns ainda tentam “retornar a casa”, mas este, na prática, se revela um movimento irreconciliável, como mostram Balbina e Anameire¹⁶.

Eu não andava com as pessoas do bairro, e hoje algumas vizinhas ainda estão lá. Não estudaram, estão com 20 quilos a mais, sem dentes, com um monte de filhos adolescentes, caminhando pra miséria também. Quando eu apareci, elas comentaram: “Olha, você não casou e nem teve filhos não, é?”

16. Ressalte-se que, no cotidiano, eles mantêm um relacionamento com “ricos” e “pobres, até porque a função desempenhada no serviço público dá margem ao contato com pessoas de diversos níveis sociais. Contudo, tal convivência é geralmente limitada à relação profissional - onde não é possível fazer escolhas.

Ah! Que pena!” Isso me machucou, e hoje eu consigo entender. Elas tinham uma birra comigo, porque eu nunca fui da turminha. Era “a neguinha doce”, como me chamavam, a “neguinha boba”, e hoje é como estivessem dizendo: você não aceitou o seu mundo nem o que você procurou lhe aceitou. Você também saiu perdendo. Não voltei mais lá. (ANAMEIRE)

A ruptura com esse círculo de origem gera uma espécie de susceptibilidade decorrente da ausência do “outro qualificado” para compartilhar acontecimentos que, em geral, permanecem como pontos de demarcação na história de cada um. Remetendo a Bosi¹⁷, é como se, em relação às recordações, o sujeito se tornasse “a testemunha única que, às vezes, não crê em seus próprios olhos”, fazendo apelo constante a outro qualificado para confirmar certas versões de fatos realmente acontecidos: “Aí está alguém que não me deixa mentir”.

A ajuda econômica prestada aos parentes permeia a totalidade das histórias individuais destacando-se, dentre elas, a ajuda aos irmãos e sobrinhos. Sobressai o investimento em benfeitorias na moradia dos pais (pinturas, abertura de garagem, construção de andar etc.), ou o patrocínio da migração destes para bairros melhores (ou para imóveis na mesma rua, em condições superiores à habitação anterior).

A vida melhorou mesmo quando eu comecei a subir de cargo. Eu me lembro que, no primeiro mês, eu comprei uma geladeira. Meu pai comemorou. Depois comprei uma televisão, e ele ficou deslumbrado. Os vizinhos iam lá pra janela assistir televisão e diziam que ele tinha ficado rico. Reformei a casa e instalei um telefone. Ele nunca discava, prá não ficar muito caro. Não tinha o hábito, coitado. (MARTA)

Como sugere o relato anterior, as benfeitorias no imóvel da família conformam um jogo de reclassificação social em que a casa tende a se distinguir das demais no ambiente urbano desvalorizado, evidenciando-se aí uma forte articulação entre a morada e o emprego¹⁸. As reformas e reconstruções, assim como as aquisições de bens de consumo, refletem o novo status, tendendo a tornar essa mobilidade não apenas a representação da modificação das condições materiais do padrão familiar, mas também

17. Bosi (2006, p. 408).

18. O termo reclassificação social faz uma referencia a Bourdieu (1974, p.14) que leva em conta não só o capital econômico, mas também o social, o cultural e o simbólico, como elementos constitutivos de uma classe social.

uma expressão, em termos weberianos, das necessidades objetivas de modificação dos estilos de vida. Acredito que elas representam também uma tentativa de essas pessoas se desfazerem de marcas simbólicas da pobreza urbana, a exemplo do valor negativo normalmente conferido aos seus bairros de origem, em termos sociais, raciais, arquitetônicos, de equipamentos urbanos e mesmo de saúde pública.

Na relação com as famílias de origem, conflitos e desconfortos ainda se fazem notar, especialmente pelo desnível social entre os sujeitos e seu entorno parental. O fato de serem os únicos que ascenderam no círculo familiar “incomoda, dá um sentimento que não diria que é de culpa, às vezes é vergonha mesmo, quando eu vejo que, enquanto eu avanço, está todo o resto lá... parado: irmãos, tias, primas”. Nessa fala denota-se um desconforto que só parece encontrar alívio ou compensação na solidariedade prestada aos parentes.

Já me vi triste em determinados espaços pensando: “Poxa! Meus irmãos e meus sobrinhos poderiam estar aqui!”. Eu tenho um monte de sobrinhos que me veem como a tia rica, porque mensalmente eu dou uma ajuda, que já admiti como uma obrigação. Tenho um irmão que não tem nem plano de saúde, e se vira com os “bicos” que faz. Não ajudar, dá um complexo de culpa. (DINORAH)

A dimensão dessa solidariedade encaminha para outras subjetividades, vez que a melhor condição econômica em relação aos demais parentes reforça o status de liderança que essas pessoas gozam no meio familiar. Fortalece certa representação que os referencia como exemplo a ser seguido, amacia-lhes o ego, mas, também, causa desconfortos diante da responsabilidade implicada, como descreve um informante ao comentar: “me veem como capaz de resolver os problemas de todos: doença da sobrinha, desemprego do irmão. Eu tenho que ser um cara forte pra eles o tempo inteiro, e isso é um peso muito grande... Às vezes você tem que estar se policiando pra não perder a paciência”.

A transcrição dessa fala e das anteriores é duplamente útil: primeiro, por fornecer elementos indicativos de que o apoio econômico à família de origem perdura ao longo da vida e, segundo, por iluminar outras dimensões dessa ajuda. Por exemplo, a repartição dos ganhos com os parentes tem repercussão no padrão de suas vidas, pondo em xeque a capacidade de acumular bens para transmiti-los às gerações seguintes. Embora percebam

remunerações equivalentes aos seus pares profissionais, essas pessoas tendem a uma maior diluição de suas rendas, no círculo parental.

O APRENDIZADO DO “JOGO”

Na sociedade baiana, os profissionais investigados se constituem nos primeiros negros a atingirem esses postos profissionais. Portanto, não lhes precedeu modelos de pares raciais a norteá-los, tampouco referências sócio-raciais na família. A vulnerabilidade que essa situação desperta, aliada à ausência do *habitus* de classe, parece conduzi-los a uma espécie de comportamento em que pouco ou quase nada subvertiam do que deles era esperado.

Assim, cabe registrar o que presenciei momentos antes de uma sessão de entrevista com uma das informantes: uma equipe de televisão chegara a sua casa para gravar um clipping com suas impressões sobre determinado candidato a governador do Estado. Estávamos em período de campanha eleitoral, e as impressões que, logicamente, deveriam ser “enaltecedoras”, prestavam-se a associar o perfil negro e de credibilidade da informante ao candidato, visando ganhar os votos da comunidade negra. A gravação do clipping ocorreu contra a sua vontade, expressada por várias procrastinações alegando “falta de tempo”. O candidato, apoiado por grupos de forte influência política na cidade e apontado pelos institutos de pesquisa como o vencedor não era o de sua preferência¹⁹. Conforme seus comentários em *off*, contrariar esses grupos de poder poderia lhe “custar caro”, pela ausência de suporte político a ampará-la contra represálias. “Portas importantes poderiam se fechar”, como ela remete abaixo:

Pra muita gente aquilo seria o auge do prestígio... mas, não era ... nem pra mim e tampouco pra o candidato. Era um aproveitamento da minha imagem de mulher negra e autoridade, para que o candidato ganhasse pontos. Nessa situação, eu nada ganho, pelo contrário, só tenho que balancear qual a menor perda. Eu tenho perdas de qualquer forma. Estar naquela situação, gravando, poderia sugerir que a pessoa sobre quem eu estava dando declarações seria a partir dali meu aliado com seu grupo me dando o apoio. Isso se chama ingenuidade, coisa que eu não me permito mais. (NORMA)

19. Ressalve-se que esse candidato foi derrotado nas eleições, e o seu adversário, vencedor do pleito, talvez não saiba que foi ele quem teve o voto da informante, cuja imagem na mídia imagem gravada como apoiando o perdedor.

Essa consciência da vulnerabilidade acompanha as narrativas de todos os informantes. Pesa-lhes a ausência de ancoragens significativas, tais como riqueza, status de família ou efetivas relações igualitárias com pessoas influentes, ou seja, faltavam-lhes suportes importantes diante de mecanismos de que o todo social dispõe para reforçar o poder de autoridade que eles detinham. Tal situação é explicitada na fala de Balbina, abaixo:

Hoje tenho acesso a um monte de coisas que posso pagar por elas, mas meu colega vem tendo acesso desde o avô dele. Por exemplo, na Escola de Medicina você encontra alunos que têm laços ali dentro há quatro gerações. Então, quando eles chegam é como se aquilo fosse deles e eles estão só há três anos ali. O professor quando cumprimenta diz: “Eu dei aula pro seu pai. Como é que ele está?” Essas coisas, geram certas distinções. Aqui no Hospital isso acontece muito: o profissional chega precedido da fama de um parente e isso é ponto positivo no desenvolvimento de sua carreira.

As narrativas exteriorizam o esforço deles em aprender o “jogo”,²⁰ seja sujeitando-se a fidelidades acrílicas, como também ao poder das normas - cumpridas com certo rigor. Evitam contrariar e se expor a situações que, eventualmente, possam lhes trazer constrangimento ou reforçar estereótipos e rótulos negativos que, no Brasil, costumam recair sobre a representação coletiva dos negros.

Ademais, por circunstâncias históricas, no Brasil, o domínio de certos mecanismos sociais sempre esteve associado ao grupo racial dominante, e o manejo de técnicas de infiltração nesses meios pode ser considerado privativo da camada branca da população. Afora isso, o florescimento de tradicionais esteios de sustentação social entre os negros foi inibido por um passado de submissão legal e de confinamento do grupo dentro de uma sociedade estratificada em termos estamentais PEREIRA (2001: 134). Desse modo, a experiência de convivência no interior de grupos de estratos sociais médios resta limitada, assim como a intimidade com certas disposições e regras de funções integrativas nesses meios, a exemplo da familiaridade

20. Utilizo a palavra “jogo” para me referir a habilidades técnicas e comportamentais que facilitam o aprendizado e a prática da vivência em grupos de classes sociais mais elevadas - a exemplo do saber “quem é quem”, o traquejo social etc. Nesses grupos, em geral, o conhecimento de tais habilidades é apreendido a partir de experiências transmitidas na própria família e nos demais círculos de pertencimento ligados à origem.

com a etiqueta, do *savoir-faire*, do traquejo social e da desenvoltura em penetrar ou se movimentar em determinados círculos sociais.

O ENFRENTAMENTO DO RACISMO

Nas falas relacionadas à experiência do racismo²¹, era comum a minimização dos seus impactos na vida de cada um. Por vezes chegavam a dissimular que não as percebiam, conforme expressou um informante: “a gente não pode deixar que os outros vejam que a gente percebeu o racismo na atitude de alguém. Tem sempre de fingir que não viu nada, e que (...) até pra ficar bem no grupo, senão, dentre outras coisas, você é quem vira o racista, um complexado”. Esquivando-se de reportar-se a dificuldades comuns aos negros, eles calavam o racismo, dando a entender que a ideologia racial teria sido absorvida. Não podemos esquecer que eles constituem parcela de um grupo social cuja representação coletiva envolve estereótipos e rótulos negativos geralmente associados à capacidade intelectual, a traços de personalidade, bem como a características físicas individuais. Face aos traços negroides serem depreciados e relacionados a aspectos do comportamento, como rudes ou deselegantes, e diante de certo padrão branco de beleza, costumam ser considerados física e esteticamente feios, ou mesmo exóticos.

Trata-se de representações que marcam historicamente suas vidas, mas também demarcam espaços sociais. A ultrapassagem desses espaços os fazia serem confundidos com subalternos, questionados nas competências profissionais e até mesmo vistos com desconfiança, como descreveu uma informante que, na adolescência, mesmo tendo condição de adquirir um bem em determinada loja, esbarrava em uma barreira simbólica que lhe causava desconforto e tensão pela expectativa de ser alvo do preconceito e da discriminação:

Até hoje eu evito entrar em loja de departamento em razão das situações que já passei de me sentir observada de uma forma que constrangia, que queria dizer: “se é preto, cuidado. Pode ser ladrão ou ladra”. Na minha

21. Refiro-me, especialmente, a manifestações que ocorrem sob forma de olhares, gestos e tons de voz, mas também em atitudes de “má vontade”, “descasos”, “boicotes”, “impaciências” e tantas outras que, sem fazer relação à cor da pele, são discricionárias e dificultadoras do progresso profissional, tanto quanto manifestações racistas diretas.

adolescência eu fui seguida na Slopper da Rua Chile, muitas vezes. Fingia que não via que estava entretida nas compras... Tinha um segurança lá, que era só eu entrar, às vezes com minhas irmãs, que ele ficava seguindo a gente. Hoje eu só entro em loja cara, na qual eu entre, e o vendedor já me abria os braços... E isso não é atualmente, depois que eu assumi o posto, mas já faço há muito tempo. (NORMA)

Ao relatar que evitava frequentar lojas de departamentos, ela não estava apenas relatando sua experiência traumática, mas também expressando que os sujeitos tendem a criar as suas próprias estratégias para lidar com o preconceito. Ao direcionar sua rejeição para um determinado espaço social, ela sugere uma espécie de mapeamento particular, em que as lojas de departamento e sua presença nesse espaço configuravam uma situação passível de ocorrer novos constrangimentos a serem evitados. Os relatos demonstram que, na vida em sociedade, essas pessoas sempre se consideram propensas a enfrentar dimensões inéditas de convivência cujo trato não se mostra tão simples, mas sob a forma de persistentes e silenciosos embates em função do patamar em que se encontram, dando a entender que a escalada ascendente acentua a dimensão e o peso de ser negro.

Ao longo da suas vidas, eles passaram por situações dramáticas - dolorosas experiências que não querem ver repetidas. Em razão disso, parecem ter desenvolvido uma espécie de hipersensibilidade - quase um faro - para saber onde e com quem podem ou não devem estar; qual o campo que é mais conveniente entrar ou qual devem evitar. Era como se mapeassem o universo em que atuam em áreas proibidas e não proibidas, cuja proteção lhes exige uma dose a mais de cautela nos contatos com o “outro”, como mostra a fala abaixo:

Por conta das minhas experiências passadas, eu desenvolvi uma armadura invisível, pois, de certa maneira, eu nunca espero ser aceita de pronto em nenhum desses ambientes que me apresento. Nunca descarto a possibilidade de ser tratada com uma atitude racista, mesmo por pessoas que comparecem aqui na minha sala, por isso eu não dou abertura. Estando o tempo inteiro num meio branco, a gente deixa de ser espontâneo. Muitas vezes não vejo com sinceridade o beijo que me dão o abraço. Entendeu? De certa forma, é desconfortável viver eternamente vigilante. Eu já tive situações de me pedir perdão por ter duvidado dos outros, mas é assim: eu vivo em permanente estado de alerta, mesmo. Eu estou calejada de chegar desprotegida, vir uma

mão pra lhe barrar a entrada e, depois, você não saber nem o que fazer. Ter que fingir que não entendeu. (JOSEMILDA)

Chama a atenção o fato de que a ausência de outros negros em postos de comando na própria instituição era percebida por eles, porém esse fato raramente ou nunca era questionado, especialmente em conversas com pares sócio-raciais, sugerindo uma espécie de naturalização, de um “silêncio autoprotetor” ou mesmo a ausência de preocupação coletiva com a mudança desse quadro. Esse fato mereceria um maior aprofundamento, tendo em vista que certas crenças, oriundas do senso comum, costumam apregoar que o aumento do grau de escolaridade leva o indivíduo a pensar mais crítica e coletivamente sobre tais problemas.

A FAMÍLIA CONSTRUÍDA E O TRATAMENTO DA QUESTÃO RACIAL

Na literatura específica sobre a ascensão social, um consenso entre diversos autores aponta para três mecanismos de ascensão utilizados pelos negros: o casamento interracial, principalmente entre o homem negro e a mulher branca, o apadrinhamento de indivíduos negros por famílias brancas e o embranquecimento, referindo-se à adoção de valores e comportamentos ou relacionamentos identificados como brancos.

As minhas observações sinalizam para certo esgotamento da utilização dessas estratégias pelos negros em ascensão. Dentre os vinte informantes, foram observados apenas oito casos de casamentos interraciais. É possível que na entrevista alguns parceiros tenham sido “enegrecidos”, em razão do conhecimento prévio que eles tiveram acerca dos objetivos da pesquisa. Ainda assim, considero bastante significativo que 60% afirmassem ter casado com negros. A dificuldade de tratamento dessa questão, durante as entrevistas, não permitiu um maior aprofundamento. Contudo, os depoimentos se mostraram importantes ao evidenciar que os casamentos se realizaram no início da carreira, dentro do próprio segmento de classe e em ocasiões sociais propícias à formação dessas alianças.

Destacou-se o fato de os homens continuarem casados com as mesmas parceiras, enquanto, entre as dez mulheres entrevistadas, apenas três permaneceram casadas. As demais (seis) eram divorciadas e uma delas nunca se casara, denotando existência de dificuldades para as mulheres negras,

que ascendem socialmente, manterem vínculos afetivos mais duradouros, como sugerem os depoimentos seguintes.

Há dificuldade de encontrar parceiro, sim... A grande parte dos homens negros ainda está no patamar da sobrevivência. Eu tenho amigas negras com a vida organizada, que estão sem namorado há um monte de tempo. Elas não dividem uma conta com um homem negro, como se isso fosse motivo de espoliação, e me criticam. O meu namorado atual estuda e eu pago a Faculdade. Se eu partir do princípio de que só vai me interessar um homem negro bem sucedido, que ganhe mais do que eu, vou ficar sozinha... (risos). Eu tenho minhas carências afetivas, então, eu pago mesmo. Ainda mais na minha idade. (ANAMEIRE)

Fiquei casada dez anos, com um homem de nível de escolaridade menor, e não deu certo. Os homens em geral não têm cabeça pra aceitar uma mulher que tenha uma melhor posição do que eles, então eu já descartei a possibilidade de outro relacionamento (...). (NORMA)

As famílias construídas apresentavam marcantes diferenças em relação aos seus núcleos de origem, especialmente no que se refere aos recursos culturais e econômicos dos chefes da família. Ambos os cônjuges achavam-se integrados no mercado de trabalho formal e possuíam maiores ganhos de escolaridade – seja em anos de estudo ou em qualidade da educação recebida. A maior autonomia da renda possibilitou-lhes a elaboração de projetos familiares, como a aquisição de bens e a melhoria do padrão educacional. A limitação do número de filhos e o menor número de dependentes reduziram a diluição dos recursos familiares, aumentando as possibilidades de que os filhos mantenham ou ultrapassem a mobilidade social alcançada.

Outro aspecto importante no comportamento dessas famílias diz respeito à orientação dos filhos para lidarem com as questões raciais. Embora presentes no dia-a-dia de cada um dos membros, as narrativas explicitavam uma espécie de recusa em discutir essas questões abertamente junto aos filhos. As orientações eram fornecidas apenas à proporção que os problemas apareciam, como se os pais estivessem pretendendo não antecipar a consciência racial dos filhos. Falavam o quê?

Eram frequentes as expressões de desconforto em relação as minhas perguntas: Como é tratada a questão racial no seu meio familiar? Que tipo de conversação ou atitudes você adota com seu filho em relação ao racismo e à discriminação racial? As respostas, em geral, eram sempre

negativas, além de curtas, a exemplo de: “Nós nunca conversamos sobre isso”. Expressavam também uma leve tensão, para que o assunto não se estendesse, indicando ser esse um “tema delicado” no trato com esse tipo de informante. Muito frequentemente eles desviavam o assunto para outro tema, ou mesmo autoafirmavam-se em comportamentos ideais, mais parecendo uma tentativa de dar respostas que me causassem boa impressão.

Apesar do emaranhado de incoerências, contradições e ambivalências, o que se pode notar é que esses pais terminaram produzindo uma nova e positiva feição de família negra. Seus filhos, mesmo com a vasta convivência em meios de classe média, interagindo com indivíduos brancos, se autodeclaravam como negros - inclusive aqueles de pele mais clara, frutos de casais mistos. Esses jovens diferiam dos pais, que, no passado, preferiam autorreferirem-se como pardos ou morenos, ainda que pelos seus caracteres fenotípicos outros indivíduos tendessem invariavelmente a classificá-los como negros.

O LOCUS DA MORADIA E O LUGAR NA SOCIEDADE

A ascensão social deu impulso às migrações residenciais e estas se direcionaram para bairros nobres da orla de Salvador ou seu entorno. Trata-se de redutos da cidade, cujo fato de morar ali confere significados materiais, mas também ganhos simbólicos aos seus moradores - desde a melhor qualidade na infraestrutura de serviços urbanos, como a proximidade do lazer praiano, maior conforto das moradias, assim como a vizinhança de indivíduos das classes médias e alta, como expressa um informante: “aqui em Salvador o lema é: fale onde mora e eu digo quem você é”.

Em investigação junto a segmento das camadas médias do Rio de Janeiro, Velho (2002) observou que, no imaginário dos moradores de Copacabana, a sociedade não estaria dividida entre pobres e ricos. Esta era, principalmente, hierarquizada entre aqueles que moravam em bairros tradicionais e bairros periféricos. Nessa perspectiva, o lugar de moradia faz referência ao lugar do indivíduo na sociedade. Assim, transportando tal representação para Salvador, um morador do Pero Vaz e outro de Ondina seriam inconfundíveis, pois suas identidades sociais estariam vinculadas ao bairro em que moram.

Com efeito, negros que residem nos bairros da orla de Salvador desfrutam de espaço privilegiado e estilo de vida distinto dos seus pares raciais. Estão mais assistidos pelo poder público em termos de equipamentos urbanos, partilham a vizinhança com indivíduos de pele mais clara e de

similaridades nas condições sociais. A moradia nessas zonas mais nobres da cidade abre caminhos para uma nova escala de vivências, apresentando, também, aspectos traumáticos para eles.

Não é raro que sejam submetidos a ações de racismo, ou confrontados com estereótipos que marcam os pertencentes ao seu segmento racial. São confundidos com porteiros, empregadas domésticas e lavadores de carro em seus próprios domicílios. Num caso extremo, uma carta anônima com ofensas racistas e ameaças foi deixada sob a porta de uma das informantes, motivando-a a mover uma ação, junto ao Ministério Público, fato que aponta para uma nova postura dos negros das camadas médias, de tornar pública a intolerância contra atos de racismo.

Situações de preconceito racial envolvendo negros que ascenderam socialmente não são raras na esfera social, porém poucas delas são dadas a conhecer. Suas vítimas tendem a evitar a divulgação de tais atos, temendo expor-se em relação a essas situações, certamente acreditando que seu destaque poderia provocar um sofrimento individual ainda maior, com possíveis repercussões na vida social e profissional. A atitude de não se expor pode, também, representar uma estratégia para evidenciar a diferença do sujeito em relação ao "negro massa"²².

Não são poucos os casos de pessoas negras que afirmam ter sido paradas, sem qualquer motivo, por forças policiais. Quando dentro de um carro de luxo ou ostentando sinais de riqueza, eles tornam-se alvos de suspeita, tanto da população como também de policiais, indicando que a ascensão econômica ou cultural dos negros não os isenta da discriminação, ainda que esta, por vezes, mostre-se de uma forma diferente daquela que atinge os negros de condição mais baixa. É sempre mais sutil quase imperceptível para alguns, mas nem tanto para suas vítimas.

EXPLORANDO AS QUESTÕES IDENTITÁRIAS

Todos os entrevistados afirmaram-se como negros, significando socialmente o termo ao proferi-lo como uma categoria política que fazia referência não apenas a pessoas de uma origem comum, ou que compartilhavam

22. Não podemos esquecer, que esses indivíduos provêm de uma socialização familiar em cuja educação estimulavam-se as atitudes acomodadoras ou de silenciamento ante conflitos relacionados à questão racial. "*Não se exponha*", "*A corda sempre parte do lado do mais fraco, portanto, evite discussões*"; "*Não vá pela cabeça dos outros*" são expressões utilizadas nesse contexto.

determinados aspectos fenotípicos, mas, sobretudo, que se percebiam como grupo discriminado na sociedade. Expressavam a consciência de pertencimento a um grupo que necessitava se organizar para ocupar espaços sociais, mas também aumentar a visibilidade e mudar a imagem perante a sociedade.

Os relatos mostram que eles nem sempre foram assim. Na adolescência, rejeitavam o termo para se autodefinirem, “pois era inferiorizante”. Tal reversão de atitude expressa a conotação positiva que o termo negro passou a ter nesses últimos dez anos, em que a sociedade brasileira vem experimentando uma maior abertura para a questão racial. Há uma maior afirmação simbólica dos negros no país, e uma pequena, mas sensível, inflexão no padrão estético vigente, com o surgimento de revistas voltadas exclusivamente para essa população e a presença em comerciais e novelas.

As sucessivas pressões da militância negra fizeram com que uma série de políticas públicas voltadas para a inclusão social dos negros fosse desenvolvida pelo Estado, e isso é algo que parecia muito pouco provável há menos de 30 anos, período em que a maioria dessas pessoas iniciava sua vida adulta²³.

Cabe lembrar que os informantes diferenciam-se da massa dos negros por ocuparem posições socialmente valorizadas, que lhes permitem o acesso a espaços geralmente franqueados a uma elite econômica e cultural. Possuem formação superior, bem como padrões de renda e consumo mais elevados. Ainda que as classes sociais não se distingam apenas pela posse (ou não) de bens²⁴, no Brasil a renda familiar é considerada um referencial importante para pensar as classes sociais²⁵.

A esse respeito, valeria retomar aqui a discussão efetuada por Figueiredo (2002), ao considerar inadequada a expressão “classe média negra”, na referência a esses indivíduos. Em suas ponderações, ela alega que estes não constituem um grupo hegemônico com interesses específicos de classe vinculados à identidade racial. De fato, a mobilidade individual dessas pessoas dificulta a consolidação de uma classe média negra, de modo que elas não chegam a constituir ações coletivas, em defesa de interesses do

23. Os dados da Pnad mostram que de 2005 para 2006 aumentou, em 1,34 milhão, o número de pessoas que se declaram de cor preta, ou seja, passou de 11,5 milhões de pessoas para 12,9 milhões.

24. A esse respeito, ver os estudos de Bourdieu (1983, p. 82) demonstrando a importância da reprodução dos privilégios familiares.

25. Neri, (2011).

grupo e com fundamento na identidade negra. Por outro lado também não compartilho da ideia de Figueiredo (2002) de que o termo “negro de classe média” melhor se adequa para nos referirmos aos negros que experimentam uma mobilidade social ascendente.

A meu ver, a categoria “batalhadores”, criada por Souza (2012), parece melhor se adequar à categorização desses indivíduos, na medida em que eles tiveram suas vidas marcadas pela ausência de privilégios de nascimento, como o capital cultural (nas suas mais diversas formas) que caracterizam as classes: média e alta. Para Souza, a produção do indivíduo - tanto como membro de uma classe quanto da singularidade possível nessa classe - é feita desde a mais tenra idade.²⁶ As heranças emocionais, cognitivas e afetivas são, sempre, uma herança familiar e, portanto, uma herança de classe.

De fato, embora o destino possa mudar em uma ou outra fase da vida, essa mudança é sempre limitada e, mesmo quando ela é possível, mostra o rastro de onde se veio. Se tomarmos como exemplo um professor universitário iniciante e um trabalhador qualificado na indústria, de origem proletária, em que ambos recebem 7 mil reais mensais, as escolhas dessas duas pessoas vão ser, com muita probabilidade, bastante distintas: o/a parceira que escolhem, as amizades, o tempo de lazer, as roupas que compram, o padrão de consumo ou os livros que leem.

É interessante notar que, embora sejam frequentemente denominados como “classe média”, em face de certos atributos, como estilos e gostos, nível de renda e consumo, ou mesmo vestimentas e adereços, nenhum dos entrevistados se definiu como tal. Questionados sobre a identificação de classe, sempre davam a entender que preferiam não falar sobre isso, como se referiu um deles. “Essa é uma questão muito complicada”. Quando tal autoclassificação escapava, era quase sempre acompanhada de uma ressalva em relação aos “ricos”, considerados pela posse de bens, pelo estilo de vida derivado de suas condições econômicas ou pela tradição familiar, tal qual observou Soares (2004). A referência de “classe média” era sempre atribuída a “outros” ou a algo externo, nunca em referência a si próprios ou aos seus familiares: “os amigos classe média dos meus filhos”, “o apartamento que a gente mora é num prédio de classe média”

26. Refiro-me aos modelos que incorporamos inconscientemente, de como agir, reagir, refletir ou não refletir, gostar ou não gostar, que irão nos moldar em, literalmente, todas as dimensões da vida desde o tipo de roupa ou de comida de que se gosta ao tipo de parceiro sexual em relação ao qual se sente desejo.

etc., denotando também uma espécie de resistência em atribuírem-se tal classificação.

A dificuldade em autorreferenciar-se como classe média já havia sido registrada por outros autores, o que pode configurar um comportamento típico dos negros que ascendem socialmente²⁷. Nesse caso, caberia, então, indagar: O que significaria o fato de os sujeitos furtarem-se a admitir o pertencimento à classe média? Afinal, eles são assim referenciados por alguns pesquisadores e também pela mídia, seja em função da renda familiar e do consumo mais elevados ou, também, pelo estilo de vida que ostentam. Os estudos de Hasenbalg (1983) podem ajudar a pensar essa questão, ao demonstrarem que a precariedade é um caráter que singulariza a trajetória dessas pessoas e que, mesmo transpondo os obstáculos e conseguindo ultrapassar a linha das ocupações manuais, esses negros encontram fortes impedimentos para transmitir às gerações seguintes as posições por eles alcançadas. Por exemplo, em relação aos brancos, a reduzida quantidade de negros que consegue transpor essa linha encontra na geração dos filhos uma maior possibilidade de descenso na direção das ocupações manuais.

O fato de não se autoatribuírem a condição de classe média pode ser consequência de se perceberem com certa fragilidade nessa situação de classe e uma efetiva insegurança em relação ao futuro. Por exemplo, havia uma consciência generalizada entre os entrevistados de que a socialização dos resultados financeiros decorrentes da mobilidade não significava acumulação de riquezas no mesmo nível dos brancos, na medida em que, atrás de cada um desses sujeitos, havia normalmente uma família ou grupos de pessoas dependentes deles, na maioria das vezes, parentes de primeiro grau.

É importante lembrar que essas pessoas descendem de trabalhadores manuais e, em geral, as únicas a experimentarem esse tipo de mobilidade no grupo familiar. Constituem a primeira geração a ascender socialmente, portanto não foram socializados em ambientes de classe média. São precários os laços desenvolvidos no interior desse estrato social, vez que a nova condição de classe foi consolidada em um curto espaço de tempo

27. Hasenbalg¹(1983), em um estudo com estratos médios da população negra do Rio de Janeiro, verificou que somente 20% dos entrevistados se autotransferiram como classe média. Barcellos (1996) também constatou que, embora estivessem conscientes de possuírem um padrão de vida muito mais elevado do que a maioria dos negros, seus entrevistados furtavam-se a admitir essa classificação, pois tinham como referencial a classe média branca e a pressuposição de que ainda faltava muito para “chegar lá”.

- de apenas uma geração. Embora o breve período promova mudanças nos padrões individuais de comportamento e consumo, isso parece não ser suficiente para alterar radicalmente práticas e referenciais simbólicos que marcam a condição anterior. Não compartilham a mesma visão de mundo daqueles que já ocupavam a classe. Numa alusão a Bourdieu, não foram submetidos, desde a mais tenra idade, ao mesmo *habitus* de classe.

Podemos afirmar que eles têm marcantes diferenças em relação aos “estabelecidos”, numa alusão a Elias & Scotson (2000, p. 20), que assim se referem para caracterizar grupos consolidados, cujas pessoas se veem (e são vistas) como “melhores”, dotadas de uma espécie de carisma grupal ou de uma virtude específica, compartilhada por todos os seus membros, e que falta aos “outros”.

Com efeito, desde o processo de proletarização dos negros, no início do século XX, até os dias atuais, apenas alguns deles conseguiram ultrapassar a “barreira da cor”, alcançando posições de prestígio na sociedade brasileira, portanto, não houve no país a ascensão social de grupos de negros. A mobilidade deles sempre teve um caráter individual, e a maior parte ainda está confinada nos estratos mais baixos da estrutura social. Não herdaram bens imóveis ou outro tipo de realizável financeiro, sobrevivem exclusivamente do salário e, dada a ascensão isolada no conjunto familiar, esse rendimento, via de regra, ainda supre carências financeiras de outros parentes.

Cabe aqui uma digressão, para chamar a atenção para o fato de que, como já mencionado anteriormente, os entrevistados eram servidores do quadro de carreira de instituições públicas e possuía estabilidade no emprego, condição que os tornava menos expostos às constantes ameaças de desemprego no mercado de trabalho. Ocupavam cargos de prestígio e auferiam rendas equivalentes ao teto salarial dos servidores públicos, portanto, muito acima da média salarial da classe trabalhadora. Desfrutavam de uma condição econômica que possibilitava a realização de determinados sonhos materiais, como dar conforto e segurança à família, promover a inserção deles no espaço social da classe média e o acesso a cenários do mundo dos brancos.

Possuíam formação educacional mais avançada que a maioria dos negros e seus filhos já estavam encaminhados rumo à universidade (alguns até já haviam concluído pós-graduações), demonstrando que esses pais, ao menos, já haviam transmitido o status educacional aos descendentes, ainda que o mesmo não se pudesse assegurar no que se refere ao status ocupacional; até porque esses jovens ainda se encontravam em início de suas carreiras profissionais - muitos ainda encontravam-se fora do mercado formal de

trabalho, desempregados ou mesmo exercendo atividades precárias. Apenas três desses jovens atuavam regularmente em suas profissões (dois eram professores e, um, promotor público) e não mais habitavam com os pais.

A singularidade do grupo de informantes estaria justamente no fato de que eles se distanciaram socialmente do “negro massa”, mas também do branco pobre. Adquiriram maior capital escolar, econômico e cultural, desfrutaram de um melhor poder aquisitivo, como também construíram um estilo de vida equivalente aos dos indivíduos da camada média, em termos de moradia, consumo, lazer e escolaridade. Entretanto, a integração no “mundo branco” apresenta-se-lhes como uma tarefa complexa. Experimentam o sentimento de “fora de lugar”, como refere Silva (2001). Nos termos de Simmel, poder-se-ia denominá-los de “estrangeiros”. Percebem-se “tolerados”, em oposição a serem aceitos, e suas posturas de “reservas”, parecem dar significado a não se sentirem totalmente integrados ou, em outras curtas palavras: sentem-se sós.

A recusa dos entrevistados em referenciar-se como classe média permite, também, refletir sobre o significado da ascensão social dos negros, no tocante à socialização dos resultados financeiros dessa ascensão. Atrás de cada um desses sujeitos, existe uma família ou grupos de pessoas dependentes deles, na maioria das vezes, parentes de primeiro grau, o que significa maiores dificuldades para acumulação de riquezas em nível similar ao de outros pares de diferentes etnias.

No que se refere à autoidentificação como membros de uma classe social, pode-se dizer que os sujeitos encontram-se em processo de formação identitária, buscando para si, e para seus descendentes, formas de relações, políticas e estilos de vida vinculados a um padrão de consumo diferente das condições de vida dos seus pais. Reconhecem-se como negros provenientes de um estrato social específico, parte de um grupo reduzido que, individualmente, conseguiu mobilidade social. Isso se mostra significativo na proporção em que, em épocas passadas, não havia possibilidade do autorreconhecimento desses pares como um grupo de negros, mas de pardos ou morenos ou evitamento de qualquer menção às características raciais. Eles também percebem certa incipiência e instabilidade dessa ascensão individual, construída sobre bases nem sempre fortes o suficiente para fazer face às específicas e variadas dificuldades que se apresentam para a manutenção na posição em que se encontram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao aproximar-me do universo dessas pessoas, compartilhei de momentos de extrema sensibilidade e percebi que a realidade delas é muito mais

complexa e acidentada do que eu poderia imaginar. Migraram de classe no curto espaço de uma geração, experimentando uma ascensão social sem precedentes do ponto de vista sócio-racial nas instituições em que atuam como também no próprio meio familiar.

No contexto brasileiro, surpreendem pela ausência de suportes em coletivos sociais, em atributos de riqueza ou status de família. Travaram lutas por vezes cruéis no enfrentamento de situações preconceituosas e discriminatórias, que nunca apareciam sob a forma de uma hostilidade e agressão explícita, mas que sempre estiveram presentes enquanto discurso, falando pelo silêncio, gesto, comportamento, tom de voz e, até mesmo, por certas formas de tratamento diferenciais que eram reservados a esses indivíduos enquanto autoridades públicas. Por isso, desenvolveram a estratégia de calar o racismo, adotando o passar por cima, o fingir não entender e o desvelar-se para sobreviver nos grupos.

Distinguiram-se e distanciaram-se da “massa dos negros”, construindo um estilo de vida nos moldes da classe média, mas não lograram uma perfeita integração ao “mundo dos brancos”. Convivendo dentro de um leque restrito de relações, são levados a experimentar o sentimento de “fora de lugar” e a solidão étnica decorrente da falta de pares sócio-raciais, para compartilhar experiências vivenciadas silenciosamente.

Muitos desses negros não se posicionam frontalmente contra o racismo em seu cotidiano, o que parece não significar uma alienação ou uma ingênua visão de como se dão as relações raciais no Brasil. Mesmo que algumas formas de comportamento possam parecer conformismo e individualismo, entendo que elas precisam ser compreendidas na dimensão da existência dessas pessoas, nos contextos sociais que vivenciaram e nas formas como foram e são vistas em nossa sociedade.

No que pude perceber, eles terminam gerando uma forma singular de identidade, construída na individualidade e sem um suporte comunitário. Prescindiram da comunidade étnica ao seu redor e construíram um coletivo simbólico que não gera unidade entre si, pois a isolada mobilidade e a dispersa localização no âmbito de diversas instituições dificultam a aproximação entre esses negros como também qualquer tipo de mobilização.

Há que se pensar que essas pessoas se projetaram há muito pouco tempo, não se podendo esperar delas articulações parecidas àquelas manifestadas em grupamentos sociais mais estabilizados, onde as pactuações, mais do que uma reação à ameaça ao status de classe média ascendente, é uma estratégia coletiva de sobrevivência. Individualmente, elas manifestam um sentimento de repúdio à discriminação racial, contudo, não há evidências de

adoção de radicalização de comportamentos ou formação de organização coletiva voltada ao seu enfrentamento, como ocorreu em torno dos anos de 1930 e finais dos anos 1970, especialmente no sul do país.

A não ser a formação de redes centradas em torno da celebração de momentos marcantes na carreira de cada um, não há referência a algum coletivo social ou político relacionado a esses negros de classe média. Em verdade, eles têm sentimentos coletivos, mas, quando criam estratégias, estas são individualistas e individuais, talvez por temerem que as estratégias coletivas possam criar mais obstáculos que vantagens, mais adversários que aliados.

Abordar as histórias desses negros que ascenderam no serviço público, o contexto em que estas se desenvolvem estudar as questões raciais nelas envolvidas e implicações que cercaram a vida dessas pessoas foi um exercício que me exigiu muito mais que dedicação. Cobrou-me um profundo respeito, ouvido atento, compaixão, cuidado e, sobretudo, muito responsabilidade no tratamento aos depoimentos a mim confiados. Em muitas delas me reconheci. Fui tomado por surpresas, estranhamentos e até tristezas. No entanto, também vibrei de alegria com muitas das conquistas relatadas e que me remeteram a minha própria história.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. **Novos status e outros novos negros**: questões de identidade entre trabalhadores baianos. (mimeo) comunicação apresentada em outubro de 1990, ao Encontro anual da ANPOCS. Caxambu.

_____. (1992) Etnopolítica – a dinâmica do espaço afro-baiano. **Estudos Afros Asiáticos**, Salvador, n. 22, p. 99-115, set.

AZEVEDO, Thales de. (1996) **As elites de cor numa cidade brasileira**: um estudo de ascensão social, classes sociais e grupos de prestígio. Salvador: Edufba.

BARCELLOS, Daisy M. de. (1996). **Família e ascensão social de negros em Porto Alegre**. Tese (Doutorado), PPGAS Museu Nacional UFRJ, Rio de Janeiro, datilo.

BARDIN, Laurence. (1979). **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições Setenta.

BOSI, Ecléa. (2006). **Lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras.

BOURDIEU, Pierre. (1983), **Gostos de classe e estilos de vida**. In: ORTIZ, Renato (org.), Bourdieu (Coleção grandes cientistas sociais), n.º. 39. São Paulo: Ática.

CASTRO, Nádia A.; BARRETO, Vanda S. (1992). **Os negros que dão certo**: mercado de trabalho, mobilidades e desigualdades raciais. (mimeo), apresentada ao XVI Encontro ANPOCS. Caxambu.

_____. (1998). **Trabalho e desigualdades raciais**: hipóteses desafiantes e realidades por interpretar. In: _____ Barreto, Vanda S. **Trabalho e desigualdades raciais**. São Paulo, Anablume.

- _____.; GUIMARÃES, Antônio S. (1993). Desigualdades raciais no mercado e nos locais de trabalho. Estudos Afro-Asiáticos, ano 24. Rio de Janeiro: CEEA.
- COTTA, Elaine; NICÁCIO, Adriana. (2006) **Negros na elite: participação de afro-descendentes nas classes A e B sobem de 9% para 15%**. IstoÉ Dinheiro, n.455, p. 30-34. São Paulo: Editora Três. 07 jun.
- DA MATTA, R. (1974), **O Ofício de Etnólogo ou Como ter Anthropological Blues**. In Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Rio de Janeiro.
- DUALIBI, Julia; BORSATO, Cíntia. (2008) **Ela empurra o crescimento**. Revista VEJA. São Paulo. n. 2054. 2 abr.
- FERNANDES, Florestan. (1965). **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Cia Editora Nacional.
- _____. (1972). **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- FIGUEIREDO, Ângela. (2002). **Novas elites de cor: estudo sobre os profissionais liberais negros de Salvador**. São Paulo: Annablume.
- _____. (2003) **A classe média não vai ao paraíso: trajetórias, perfis e negritude entre os empresários negros**. Tese Doutorado em Sociologia. Rio de Janeiro: IUPERJ.
- FREYRE, Gilberto. (1968). **Sobrados e mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. Rio de Janeiro: José Olympio.
- _____. (1999). Casa Grande & Senzala. São Paulo: Record.
- FRIEDLANDER, David et al. (2008) **A nova classe média do Brasil**. Revista Época, São Paulo. 11 ago.
- GUIMARÃES, Antônio S. et al. (1995). **Imagens e identidades do trabalho**. São Paulo: Hucitec.
- _____. (1995). **A ilusão do atalho: experiência operária da pequena burguesia**. In: Guimarães Antônio S et al. **Imagens e identidades do trabalho**. São Paulo: Hucitec.
- _____. (1999). **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34.
- _____. (2002). **Raça, classes e democracia**. São Paulo: Editora 34.
- HASENBALG, C. (1979) **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal.
- _____. **Anotações sobre a classe média negra no Rio de Janeiro**. Revista de Antropologia, n. 26, 1983.
- _____. **As desigualdades raciais revisitadas**. Revista Ciências Sociais Hoje, n. 2, São Paulo: Anpocs, 1983.
- _____. (1987) **Desigualdades sociais e oportunidades educacionais. Raça negra e educação**. Cadernos de Pesquisa. n°. 63, p.19-24. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, nov.
- _____. (2003) **A distribuição de recursos familiares**. In: HASENBALG, Carlos; VALLE SILVA, Nelson do. (orgs.) **Origens e destinos: desigualdades sociais ao longo da vida**. Rio de Janeiro: Topbooks.

- _____. (1988) **Raça e mobilidade social**. In: _____; VALLE SILVA, Nelson do. (Org.). *Estrutura social, mobilidade e raça*. Rio de Janeiro: IUPERJ.
- IANNI, Octavio. (2004). *Dialética das relações raciais*. *Estudos Avançados*. v.8, n.50, p.21-30. São Paulo: USP.
- _____. (2004). **O preconceito racial no Brasil - Entrevista com Octavio Ianni**. *Estudos Avançados*, v.8, n.50, p.06-20. São Paulo: USP.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Disponível em: <www.ibge.gov.br>.
- JUNIOR Cirilo. (2009) **Crise econômica não afeta expansão da classe média, aponta FGV**. Folha de S. Paulo. São Paulo. 09 set.
- OSORIO, Rafael G. (2003). **Mobilidade social sob a perspectiva da distribuição de renda**. Dissertação (Mestrado). Departamento de Sociologia. Brasília: UNB.
- _____. (2006). **Desigualdades raciais e de gênero no serviço público civil**. Brasília: OIT - Secretaria Internacional do Trabalho.
- PAIXÃO, Marcelo. (2003). **Destino manifesto: estudo sobre o perfil familiar, social econômico dos empreendedores (as) afrobrasileiros (as) do final dos anos 1990**. Brasília: PNUD.
- NERI, Marcelo. (2011). **A Nova Classe Média – o Lado Brilhante da Pirâmide**. Rio de Janeiro: Saraiva.
- PEREIRA, João B. B. (1983). **Negro e cultura negra no Brasil**. *Revista de Antropologia*.
- _____. (2001). **Cor, profissão e mobilidade: o negro e o rádio de São Paulo**. São Paulo: EDUSP.
- SANTANA, Ivo de. (2009). **À margem do centro: ascensão social e processos identitários entre negros de alto escalão no serviço público – o caso de Salvador**. Tese (Doutorado em C. Sociais) – PPGCS. Salvador: UFBA.
- _____. (1999). **Executivos negros em organizações bancárias de Salvador: dramas e tramas do processo de ascensão social**. *Revista Afro - Ásia*, n.23, p.199-240. Salvador.
- SANTOS, Tereza J. C. dos. (2003). **Trajetórias de professores universitários negros em Mato Grosso**. (mimeo). 26ª reunião anual da ANPED - Grupo de estudos afro-brasileiros e educação. Poços de Caldas, set.
- SARAIVA, Alessandra. (2008). **Renda dos 10% mais pobres cresce em ritmo chinês. O Estadão**. *Caderno de Economia*. São Paulo. 22 set.
- SILVA, Márcia Regina de Lima. (2001). **Serviço de “branco”, serviço de “preto”. Um estudo sobre cor e trabalho no Brasil urbano**. (mimeo). Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – IUPERJ. – UFRJ. Rio de Janeiro.
- SIMMEL, Georg. (1983). **O estrangeiro**. *Coleção Grandes Cientistas Sociais*, vol. 34. São Paulo: Ática.
- SOARES, Reinaldo S. (2004). **Ascensão e identidade negra em Salvador**. *Revista USP*, n.63. São Paulo: USP.

- _____. (2004). **Negros de classe média em São Paulo: estilo de vida e identidade negra.** (mimeo). Tese (Doutorado em Antropologia Social) – FFLCH. São Paulo: USP.
- SOUZA, Jessé. (2012). **Os Batalhadores Brasileiros: Nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: Editora UFMG.
- VELHO, Gilberto. (2002). **A utopia urbana: um estudo de antropologia social.** Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (2003). **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas.** Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (2004). **Individualismo e cultura: notas para uma antologia da sociedade contemporânea.** Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. KUSCHNIR, Karina (orgs.). (2003), **Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico.** Rio de Janeiro: Zahar.
- VALLE SILVA, Nelson do. (1979). **As duas faces da mobilidade.** Rio de Janeiro: Dados.
- _____. (1988). **Cor e o processo de realização sócio-econômica.** In: HASENBALG, Carlos; VALLE SILVA, Nelson do. (Org.). **Estrutura social, mobilidade e raça.** Rio de Janeiro: IUPERJ.
- _____. (2000). **Cor e mobilidade ocupacional.** In: PASTORE, J.; VALLE SILVA, N. **Mobilidade social no Brasil.** São Paulo: Makron.

